

ciados físicos. A palavra «derivar» não deve pois ter aqui a significação de uma sucessão temporal, de uma relação condicional, como no caso geral. Contudo, não nos dão outra; não nos dão nenhum critério opondo uma significação metafísica à significação física. Se nos recordamos a significação primitiva da palavra «principium», é-nos fácil de notar que ela sofreu uma evolução. Era «comêço»; tal sentido é-lhe expressamente retirado; não significa já primeiro na ordem temporal; mas primeiro sob qualquer outra relação, especificamente metafísica. Ninguém fornece, bem entendido, critérios para este «aspecto metafísico». Vemos desaparecer a significação de uma palavra, sem que ela seja substituída por outra; fica com o invólucro vazio. O que não impede que, da época em que tinha um sentido a ela bem ligado, conserva, associados à sua forma, diversas representações; vão estas soldar-se com representações novas e com sentimentos, por receio de encadeados verbais, em que a palavra continua a figurar. Isso contudo não lhe confere sentido, e a situação ficará como tal, até que sejam dados os meios de verificação cuja necessidade foi mostrada no parágrafo precedente».

Como se vê o símbolo aqui citado, passou à forma de relação pura; os correlatos foram suprimidos, e tódta a ligação com o dado foi cortada; tal relação formal foi a seguir aplicada a correlatos totalmente diferentes, representações, novos, sentimentos, sem perder no entanto a sua forma primitiva (causa). É um processo de transformação simbólica em extremo frequente na mecânica psicológica e histórica do pensamento, cuja engrenagem psicológica, acima descrita, coincide exactamente com a análise lógica de Carnap. Eis um outro exemplo referido igualmente por Carnap, a palavra «Deus». «Se deixarmos de lado as variantes encontramos três acepções, as quais se sucedem, de resto, através da história, com alguns cavalgamentos. A palavra é empregada, na linguagem, a principio com um sentido *mitológico* que é perfeitamente claro. Ora designa seres corporais existentes em qualquer parte do Olimpo, possuem no céu, no reino das sombras; poder, sabedoria, bondade, felicidade, com medida mais ou menos perfeita. Ora, igualmente, designa seres espirituais, não dispondo talvez de um corpo como os homens,

mas capazes no entanto de se manifestar por qualquer forma, nas coisas e acontecimentos do mundo vizível; tem assim uma existência constatável pela experiência.

Pelo contrário, a palavra «deus» na acepção *metafísica* representa qualquer coisa acima da experiência. O sentido de ser corpóreo, ou de ser espiritual no corpóreo, é-lhe expressamente retirado. E com nenhum outro lhe é dado, fica completamente vazio. Evidentemente parece por vezes que um outro lhe é atribuído, apesar de tudo, nesta ordem metafísica; mas um exame atento mostra bem depressa que as definições propostas não são senão pseudo-definições. Ou conduzem a associações inadmissíveis de palavras, ou então referem-se a outros termos metafísicos tais como «causa primeira», «absoluto», «ser em si», «ser por si próprio». Jámais conduzem a condições de verdade, formulados pelo seu enunciado elementar. A palavra não satisfaz mesmo à primeira condição da lógica, que é de lhe fornecer uma sintaxe, isto é, a maneira por que ela intervem no enunciado elementar. Este deveria exprimir-se: «*x* é deus»; mas o metafísico põe de lado completamente esta forma e não nos fornece outra.

Se acontece que êle a admite, não nos dá a categoria sintáctica da variável «*x*» (categoria que são, por exemplo, corpos, propriedades de corpos, relações entre corpos, números, etc.).

«Entre as aplicações mitológica e metafísica, o uso *teológico* da palavra «Deus» apresenta um aspecto intermediário sob o ponto de vista da concepção. Não se pode dizer que êle tenha qualquer coisa de específico; compõe-se antes das noções precedentes. Muitos teólogos professam uma noção francamente empírica, vizinha daquela que descrevemos como metafísica. Neste caso não nos chocámos com nenhuma pseudo-proposição; mas a contra-partida é que os enunciados se tornam de ordem experimental, e da competência da ciência experimental. Em outros teólogos encontra-se manifestamente a correcção metafísica. Para outros ainda é uma concepção mixta, oscilando entre os dois extremos.

«O que acaba de ser indicado sob êstes dois exemplos aplica-se à maior parte dos outros termos *especificamente metafísicos*; aparecem como desprovidos de sentido; tais são «idêa», «absoluto», «sêr como sêr», «não ser», «coisa em si», «emanação»,